



## NUTRIÇÃO ESTÉTICA: POR UMA DIDÁTICA POÉTICA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Mirian Celeste Martins<sup>1</sup> – UPM  
Renata Queiroz de Moraes Americano<sup>2</sup> - UPM

GT: 05 – FORMAÇÃO DE PROFESSORES(AS).

### Resumo

Dois histórias se cruzam novamente na pesquisa que gera este artigo. O cruzamento primeiro se dá na vivência de um momento inicial em encontros de formação: a nutrição estética. Um momento em que a estesia é provocada para impulsionar poéticas, propiciar encontros com a arte e a cultura e criar um clima acolhedor para vivências teóricas e/ou práticas. Em tempos diversos, as duas educadoras retrabalham este momento em suas trajetórias distintas. Quase vinte anos depois se reencontram e reolham as configurações e a importância deste momento na formação de professores tendo como fundamentos teóricos os estudos de Albano, Vecchi, Vigotsky, Dewey, Larrosa e Rancière e sob a perspectiva metodológica da a/r/tografia, das histórias de vida e das metodologias artísticas de pesquisa. Este reencontro analisa trajetórias e pontua os desafios e potencialidades da nutrição estética como dispositivo na formação de educadores em Arte e Pedagogia.

**Palavras-chave:** Formação de professores; Arte; Nutrição estética.

### Mergulhos em duas histórias docentes

Dois educadoras se encontram e se encantam com as possibilidades de aguçarem um olhar poético e estético e de um fazer artístico que se mostra nos pequenos gestos. Histórias particulares e singulares de ações docentes mobilizadoras com criações e recriações distintas. Deste reencontro nasce este texto. Duas histórias que se cruzam, que se entrecruzam e que se distanciam para aqui se encontrarem novamente na pesquisa reflexiva.

---

<sup>1</sup> Docente do Curso de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura e do Curso de Pedagogia na Universidade Presbiteriana Mackenzie onde coordena os Grupos de Pesquisa: Arte na Pedagogia/GPAP) e Mediação cultural: contaminações e provocações estéticas/GPeMC. Foi professora do Instituto de Artes/Unesp. Presta assessoria a instituições educacionais e culturais e publicou livros e inúmeros artigos. Tem formação em Artes Visuais com doutorado pela Faculdade de Educação/USP (1999) e mestrado pela Escola de Comunicações e Artes - ECA/USP (1992). [mcmart@uol.com.br](mailto:mcmart@uol.com.br).

<sup>2</sup> Pedagoga, formada em Supervisão Escolar pela PUC/SP. Possui pós-graduação em Gestão e Currículo da Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental pelo Instituto Singularidades. Mestranda em Educação, Arte, História e Cultura pela Universidade Mackenzie. É professora do curso de extensão *A Identidade do Coordenador Pedagógico* e do curso de Pós-Graduação *Abordagem Educativa Reggio Emilia* do Instituto Singularidades. Atua como supervisora da coordenação pedagógica do Instituto Acaia/Jatobazinho e trabalha coordenando e ministrando aulas para diretores, coordenadores e professores em várias cidades do Brasil. [reanataqamericano@gmail.com](mailto:reanataqamericano@gmail.com)

O início foi no Espaço Pedagógico, lugar privilegiado de formação de educadores com Madalena Freire, Juliana Davini, Fátima Camargo e Mirian Celeste Martins. Como uma escola livre de formação de educadores e coordenadores, deixou uma marca singular por todos que por ali passaram entre 1992 e 2005. Lá, a professora responsável pela formação estética se encontrou com a educadora, também formadora de professores. Lá, a Nutrição Estética era um momento de conexão, de alimento no início de cada aula. Um momento que nos transportava para um lugar de devaneio, de beleza, de imaginação, de desafios perceptivos. Uma experiência que marcou trajetórias em processos de formação de educadores.

No reencontro, em curso de pós-graduação nasce a pergunta que se transforma em pesquisa: Como a nutrição estética, compreendida como mediação pedagógica, cultural e poética, reverberou em nossas ações na formação de educadores? Como reverberou em nossos aprendizes professores/professoras?

Para responder a estas perguntas partiu-se da metodologia de histórias de vida preconizada por Josso (2007), das metodologias artísticas de pesquisa de Viadel e Róldan (2012 e 2017) e a partir das pesquisas das imagens recolhidas nestas nutrições estéticas e da a/r/tografia Irvin, 2012), compreendida na interação entre artista/pesquisador/professor vivida por cada uma de nós enquanto proponentes desta pesquisa.

### **Inícios de uma ideia-ação poética**

Não há um momento que marque o início. Uma ideia começa pelo meio, pelo desejo de fazer algo que provoque encontros com a arte e a cultura e crie um clima acolhedor para começar uma aula-encontro dentro de um curso de formação de educadores. O termo **nutrição estética** ganhou contornos na década de 1980 como ação mediadora em uma disciplina - Integração das linguagens artísticas - inventada pelo grupo de professores que trabalhavam no Curso de Educação Artística da Faculdade Santa Marcelina em São Paulo com as artes visuais (Mirian Celeste Martins), o teatro (com Sandra Chacra a quem prestamos nossa homenagem) e a música (com vários parceiros-professores de música, entre eles Cecília Tucuri, Célia Galhano e Marina Célia Moraes Dias).

Foi no Espaço Pedagógico que o termo ganhou maior espaço (1992-2005). Obras de arte, poesias, fragmentos de filmes, imagens, trabalhos de crianças ou jovens, alimentavam

olhares, percepções, pensamentos. Ao proporcionar encontros sensíveis com a arte, recriava-se junto aos professores a aventura de olhar o mundo por uma perspectiva singular. Dentre as ressonâncias, Vera Lúcia Trevisan de Souza (1998), aluna das primeiras turmas em 1993, escreve em seu mestrado sobre a importância da atribuição de sentidos e significados à imagem no ato da fruição.

O termo também foi utilizado fechando as propostas dos Cadernos dos Alunos da Proposta Curricular para o Ensino de arte na Secretaria de Educação de São Paulo (2009), para que o professor explorasse as imagens e ideias das linguagens artísticas que não tivessem sido trabalhadas durante o bimestre.

Assim, no início de uma aula-encontro ou no final de um caderno, a nutrição estética expandia e alimentava a percepção da arte e da cultura em diferentes manifestações e linguagens, em tempos e lugares muito diversos.

Retomar este conceito que se torna ação na formação de educadores sob o olhar de duas educadoras é delinear suas estéticas pessoais. Diz Ana Albano (2007, p. 1): “Cada movimento, gesto, decisão está intrinsecamente conectada à estética de cada pessoa, que, como impressão digital, deixa sua marca única em tudo que toca.” Que marcas a “nutrição estética” deixou em nossas ações na formação de educadores depois de 24 anos de nosso primeiro encontro provocado por ela? Em primeira pessoa, a pesquisa convoca o olhar de cada uma de nós e nos junta novamente nas reflexões finais.

### **Ressonâncias e recriações pela voz de Renata: o jogo da observação e da criação**

O momento inicial de conexão, de alimento no início de cada aula no Espaço Pedagógico, que nos transportava para um lugar de devaneio, de beleza, de imaginação, deixou marcas que tem me acompanhado nos meus vários momentos de trabalho como formadora de professores. Inicialmente, como coordenadora pedagógica por 20 anos de uma escola particular de São Paulo, que acreditava que a Arte é mais que uma linguagem - é uma forma de pensar o mundo, era responsável pela formação contínua de educadores. Entretanto, foi como professora de um curso de Pedagogia em uma ousada faculdade particular e em projetos de formação continuada pelo Brasil, que retomei o prazer de juntar teoria e prática e de acompanhar a transformação da relação das pessoas com a educação. Numa busca pela coerência de ensinar

fazendo, sem fragmentar teoria e prática e tentando pensar numa formação transformadora, precisaria pensar não só no conteúdo, mas no formato das aulas; não só na teoria que fundamenta o trabalho, mas na criação de um clima propício para questionar, ampliar e estender a potência de processos educativos tanto para eles e para elas, como para seus alunos e alunas.

O mergulho nesta condição de docente, unida à experiência vivida como coordenadora pedagógica de uma escola singular, me fez avivar crenças, entre elas a valorização da arte que nos coloca num movimento de criação e reflexão que permite olhar para nossas vidas com mais intensidade sendo, portanto, um meio formidável para entendermos o mundo, a educação e nossos aprendizes. A Arte é transformadora, ela promove no sujeito novos olhares, um corpo sensível e atento, ampliando significações pois “tem como função recriar para a experiência de cada indivíduo a plenitude daquilo que ele não é, isto é a experiência de toda a humanidade”, como confirma Albano (2007, p.3).

Veia Vecchi (2017) sugere que a estética é um ativador de aprendizagens por aguçar a sensibilidade e proporcionar conexões entre vários elementos. Portanto, se queremos formar professores com uma visão mais ampla de mundo é necessário que a arte esteja presente no seu processo de formação, mas não uma arte com um fazer técnico, com potencial reduzido. E sim uma arte que leve o professor a criar empatia, a refletir, a olhar através.

Esses conceitos de Albano e Vecchi me ajudaram também a ter a convicção sobre a necessidade de oferecer um fazer artístico como experiência, como exploração e como reflexão para meus alunos. Nesse sentido, entendo que ao pensar com as mãos, vamos ter uma compreensão diferente sobre os conteúdos que estão sendo ensinados. Ao oferecer possibilidades de experiências que envolvam várias linguagens e que possam favorecer a percepção de si, abre-se espaço para a compreensão do seu próprio processo de aprendizagem, aprendendo a olhar com outros olhos, com maior atenção e escuta.

Ao propor uma tarefa mais prática, observava que os alunos colocavam seu conhecimento em jogo. Para poder construir algo concretamente é necessário ter compreendido um determinado conteúdo. O conhecimento só é conhecimento quando colocado em relação, quando é tocado pela experiência que nos afeta, como propõe Dewey (2010) ou Larrosa (2017) Por outro lado, a arte é por si só interdisciplinar e possibilita costurar diferentes áreas do

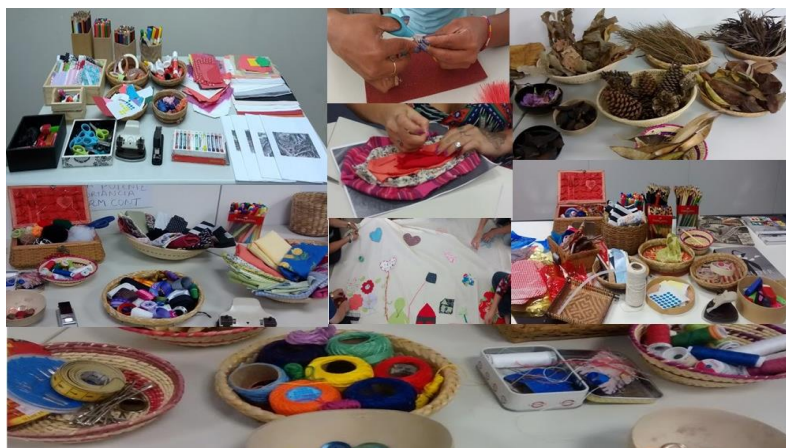
conhecimento, oferecendo ao currículo da graduação um modo mais orgânico voltado à complexidade, à reforma do pensamento como diria Morin (2002).

Assim, a nutrição estética passou a ser parte de minhas ações docentes, presente na rotina proposta marcada por uma sequência de momentos que se repetem em cada encontro, além da nutrição estética como a síntese que narra o encontro anterior, pontos de observação e avaliação ao final do encontro, como vivi no Espaço Pedagógico.

A Nutrição Estética é um momento em que ofereço algo, estético, artístico ou poético para alimentar a alma. Pode ser um trecho de um filme, uma imagem, uma música, uma pequena história, uma apreciação de uma obra de arte, entre outras possibilidades. Acontece sempre no início da aula também para que todo mundo se conecte ao mesmo assunto, para começarmos a aula olhando para o mesmo lugar. Ela também acontece como um modo de ampliar o universo cultural dos alunos.

Penso sempre em como convidar meus alunos para essa relação com a arte entendendo que o espaço pode ser um ótimo parceiro para esse movimento. Então desde o momento em que começo a preparar a aula vou criando laços entre objetos e os conteúdos do encontro. Levo sempre comigo uma maleta com as muitas provocações materiais que vão ser organizados com uma intencionalidade coerente aos meus propósitos educativos. Independente do espaço físico que tenho disponível para o encontro, procuro recursos para que os materiais fiquem convidativos às várias ações poéticas, como que para dar desejo às mãos agarradas a canetas...

Fig. 1. Título. Foto-ensaio composto com oito fotografias digitais da autora.



Entre muitas “nutrições”, destaco uma proposição feita com alunos da Pedagogia organizados em grupos de quatro pessoas. Juntos eles iriam ao Largo da Batata, perto da

faculdade em São Paulo onde está a Estação Faria Lima do metrô. Um lugar de passagem com muitos ônibus e pessoas circulando. Lá deveriam observar uma mesma cena durante uma hora. Cada participante do grupo teria um foco de observação e registro específico: foco nos sons com registro sonoro, foco nas relações com registro escrito, foco nos espaços com registro imagético e foco gestos/corpos das pessoas com registro gestual. Ao final o grupo precisaria transformar os quatro registros num único.

Fig. 2. Título. Foto-ensaio composto com oito fotografias digitais da autora.



Os registros foram apresentados em formato de filmes, desenhos, fotos, representações de cenas, músicas e ruídos. Um dos aspectos que mais chamou a atenção foi a sonoridade do lugar. Um dos grupos apresentou um registro fotográfico ao som de instrumentos musicais distribuídos para a plateia, com o intuito de todos tocarem desordenadamente ao mesmo tempo, provocando a participação de todos. Muitas sensações e revelações vieram à tona. Passamos todos os dias por aquele lugar e não enxergávamos quase nada. Ouvimos, mas não escutávamos. Tropeçamos nas pessoas e nem sequer prestávamos atenção a elas. Caímos em buracos, mas nem sempre percebemos as calçadas. O Largo da Batalha, a cidade, como nutrição estética gerou tantos outros olhares e compreensões...

Como este, muitas outras nutrições estéticas foram e são oferecidas. Elas ressoam também em meus estudantes, como na avaliação sobre o curso escrita por Luciana, umas das alunas do curso de Pedagogia:

A nutrição estética certamente foi um diferencial desde o início. Além de ser um fator motivador para a aula, também nos auxiliava a nos prepararmos para a aula depois de um dia atarefado. As temáticas que não tinham intenção de compor “conteúdos” para a disciplina não deixaram de impactar e significar nossas discussões.

### Ressonâncias pela voz de Mirian Celeste: encontros provocadores com a arte

Fig. 3. *No encontro com as memórias afetivas*. Foto-ensaio composto com sete fotografias digitais da autora.



Uma estante na casa da serra. Um pacote amarrado com laço. E na manhã ensolarada, rememoro criações, revejo o quanto refleti em textos e planejamentos detalhados e carinhosamente guardados nos cadernos, nas pastas, nos portfólios finais construídos com as professoras e coordenadoras que viviam comigo o que chamávamos de Prática Estética, como parte integrante do curso de formação.

Não cabe aqui narrar tantos momentos marcantes desta história vivida, mas trago um fragmento do texto escrito em março de 1991 no caderno que marca um novo início:

#### Prática Estética

A prática estética é um *espaço*. Espaço do experimentar significativo das linguagens não verbais e verbais.

*Espaço* de procurar em si mesmo a significação do fazer/pensar arte para o educando, seja criança, adolescente ou adulto.

*Espaço interno e externo, tornado consciente, atento, instigador.*

*Espaço do desvelar. De trazer à tona o ser sensível com seus sonhos e fantasmas, suas idealizações bloqueios.*

*Espaço do ampliar. De se apropriar, com um olhar pensante, das poéticas das linguagens artísticas com seus alfabetos, suas sintaxes, seus significados e significações. Espaço da nutrição estética.*

*Espaço do jogo, do brincar, da invenção, do imaginar.*

Além de compreender a prática estética como um espaço privilegiado, o texto prossegue, trazendo dois outros aspectos: como um “*encontro* com o ser artista de cada um” – com o mergulho do ser sensível, com o pensamento visual, com a forma expressiva que crio, com a forma do outro, com o olhar pensante do outro; como uma “*práxis* que enlaça teoria e prática” – calcada no fazer, na produção, na teoria, na reflexão especulativa, que se depara com a realidade observada, representada, simbolizada, abstratizada, essencializada, que instrumentaliza o fazer e potencializa o por fazer e os modos de fazer de si e do outro e que exige estar disponível para viver processos em movimentos de prazer e mal estar, de equilíbrio e desequilíbrio, na busca de sentido e de “felicidades sensíveis.

Assim, a prática estética era compreendida como *espaço, encontro e práxis*. A nutrição estética era nela inserida e se tornava parte de cada aula logo em seu início, como constato em muitos cadernos da época e que se perpetuaram em minhas andanças pedagógicas. Abrindo cadernos percebo na pauta a presença constante do momento da prática estética, marcada como espaço, encontro e práxis. E para mim foi extremamente gratificante tornar a olhar estas memórias e perceber que mesmo fazendo parte de minha pauta em cada aula na graduação ou na pós-graduação, ela não é denominada como um momento especial, embora exista quanto tal. Isto fica testemunhado no texto que escrevi com Lucia Lombardi e que foi apresentado no XXVII ConFAEB (2017, p. 1950):

Ampliar horizontes e repertórios exigem que façamos também curadorias educativas, selecionando o que podemos utilizar como nutrição estética. Livros sem texto, por exemplo, costumam ser uma grande novidade para os estudantes de Pedagogia, assim como vídeos com obras contemporâneas, tais como o de Stela Barbieri, laboratórios de dança e desenho com o Segni Mossi e outros projetos de intervenção que vamos recolhendo em nossas experiências docentes, visitas às exposições, espetáculos de dança e teatro e concertos também são nutrições registradas.

Assim, ao colocar em foco a ação específica de nutrição estética, Renata me fez perceber é que a nutrição estética ficou tão colada à minha pele pedagógica, é parte tão inteira em minhas



práticas docentes, que não a tenho mais nomeado para meus alunos como tal como uma ação específica que é planejada tendo em vista o grupo específico, os conceitos que gostaríamos de levantar, e especialmente a possibilidade de provocar encontros com a arte. Neste sentido, percebo este momento como deflagrador de um conceito que me é tão caro: a mediação cultural. (talvez no futuro possa amarrar tudo isso como síntese de minha vida pedagógica.)

Passeio entre uma infinidade de exemplos que poderiam estar aqui compartilhados. Bastaria colocar algo retirado das últimas aulas, como a leitura do livro *História de Amor* de Regina Coeli Rennó (1992) na semana passada com estudantes de Pedagogia. Um livro só com imagens, uma história de amor entre dois lápis.

Como nutrição estética, o livro, a obra, um material, uma proposição, ou mesmo viver a obra *Caminhando* de Ligya Clark no corte exploratório da fita de Moebius, o que se pretende com a nutrição estética é o que nos traz Waltércio Caldas. Para o leitor, apenas primeiro um fragmento... Seria preciso lê-la antes de adentrar em seu título.

Fig. 4. *Com o olhar em um fragmento.*



O que nos dizem estes sapatos? Sofrem com o peso da barra? Que incógnitas nos põem a decifrar? E poderia ainda perguntar: por que a professora escolheu esta imagem para iniciar a aula de hoje? O mistério não se esgota ao ver a reprodução da obra por inteiro.

Fig. 4. Waltércio Caldas. *Emoção estética*, 1997.



Não cabe aqui, nem com meus alunos a explicação da obra, entendida por Rancière (2010) como um ato embrutecedor do explicador, que não só não deixa espaço para a interpretação como interrompe e paralisa o ato de pensar, pois uma explicação se encerra em si mesmo.

Ao escrever este texto, ao escolher esta imagem, ao colocar um fragmento para que a legenda da imagem não sufoque o “suportar o estado de dúvida” do leitor, como nos pede Dewey (ano), tento exemplificar a atitude propositora que está presente na nutrição estética. Talvez ela faça buscar informações sobre o artista que estará presente na 33ª. Bienal de São Paulo, mas mais do que isto, pode nos fazer pensar porque a emoção estética faz levantar o dono hipotético do par de sapatos e porque eu a escolhi para fechar a minha fala e adentrar nas reflexões finais. Por que?

Vejo hoje, na provocação de Renata, o quão importante é marcar este momento tão presente no curso de pós-graduação e no curso de Pedagogia, pois pode tornar este momento mais consciente e provocador para que contamine outros, como contaminou Renata.

### **Reflexões para continuar pensando**

Morin (2002, p. 2) nos diz: “Todo conhecimento constitui, ao mesmo tempo, uma tradução e uma reconstrução, a partir de sinais, signos, símbolos, sob a forma de representações, ideias, teorias, discursos”. A nutrição estética é um modo de provocar uma tradução, uma reconstrução que faça sentido para si mesmo e que seja provocadora para buscar outras respostas para além do *habitus* que nos molda. *Habitus* como um “sistema de esquemas que

orientam tanto a improvisação (na ilusão da espontaneidade) como a ação planejada, tanto a evidência como a dúvida metódica, tanto a invenção de novas estratégias como a concretização de esquemas e receitas, tanto as condutas inconscientes ou rotineiras como as decisões.” (PERRENOUD, 1993, p.24).

Podemos estar tão impregnados por um esquema de ação, por um *habitus* tão restrito que só conseguimos perceber esta realidade, ou a que nos mostram, com este pano de fundo. A nutrição estética pode ser um gatilho para outras percepções, pois nossos esquemas de ações também pedagógicas podem ser comparados a uma bala muito forte de menta que nos tira a possibilidade de perceber o gosto diferenciado de outra qualquer. Tudo terá um forte sabor de menta, já impregnado em nosso próprio corpo. Acontece o mesmo em nossa pele e corpo pedagógicos que precisa ser sacolejada, sacudida, cutucada para também pensar em nutrições estéticas que possam se tornar experiências estéticas.

Eisner (2008) em seu provocador texto - *O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação?* - enfatiza a importância da experiência:

As artes são, no fim, uma forma especial de experiência, mas, se há algum ponto que eu gostaria de enfatizar, é que a experiência que as artes possibilitam não está restrita ao que nós chamamos de belas artes. O sentido de vitalidade e a explosão de emoções que sentimos quando comovidos por uma das artes pode, também, ser assegurada nas ideias que exploramos com os estudantes, nos desafios que encontramos em fazer investigações críticas e no apetite de aprender que estimulamos.. (EISNER, 2008, p.15)

A experiência é parte integrante deste texto, pois nos toca especialmente como professoras e pesquisadoras que se nutrem da arte e por meio dela exploram ideias e desafiam e estimulam o “apetite de aprender”. Apetite que também se amplia ao voltar a um encontro depois de 24 anos, com histórias que se desenrolaram em paisagens diversas e horizontes comuns. Histórias de pequenos gestos que aqui apenas iniciam uma nova caminhada...

### Referências Bibliográficas

- ALBANO, Ana Angélica. A Arte como objeto de políticas públicas in **Revista Observatório Itaú Cultural** - OIC. – n. 13 (set. 2012). São Paulo: Itaú Cultural, 2012, p.55 a 62.
- ALVES, Carla Juliana Galvão. **História de vida e a constituição de ser e fazer-se docente em Artes Visuais**. Tese (Doutorado em Educação) .Programa de Pós-Graduação em Educação, 2015 Universidade Estadual de Maringá,2015. (“Orientador: Geiva Carolina Calsa).
- DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010



EISNER, Elliot C. o que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação? **Currículo sem Fronteiras**, v.8, n.2, pp.5-17, Jul/Dez 2008. Stanford University, Estados Unidos.

LARROSA, Jorge. **Tremores**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

JOSSO, Marie Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida**. Porto Alegre: Educação, 2007

MARTINS, Mirian Celeste e LOMBARDI, L.M.S.S. Ensino de Arte no curso de Pedagogia: travessia e perigo. In: **Anais XXVII Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil ; V Congresso Internacional dos Arte/Educadores ; II Seminário de Cultura e Educação de Mato Grosso do Sul**. Disponível em: <<https://faeb.com.br/admin/shared/midias/1510688060.pdf>>. Acesso em 10/08/2018.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

PERRENOUD, Philippe. **Práticas Pedagógicas, Profissão Docente e Formação**: perspectivas sociológicas. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante*: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de. **Olhares e dizeres revelando a identidade de professoras**: refletindo sobre a formação docente. São Paulo, 1998. Dissertação (Mestrado). Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

VECCHI, Vera. **Arte e Criatividade em Reggio Emilia**. São Paulo: Phorte, 2017.